

Palavra de Deus viva no testemunho dos mártires da caminhada e militância política na América Latina e no Mundo. Levar a sério a "memória perigosa" da santidade política dos mártires da terra, da justiça e da paz, cristãos e não-cristãos. Gostaria de lembrar, entre tantos testemunhos, do Pe. Josimo Morais Tavares, assassinado em 10.05.1986 na cidade de Imperatriz/MA, com um tiro pelas costas, por defender a causa dos sem-terra e da Reforma Agrária¹⁰. Fora da América Latina, vale mencionar, entre tantos, os mártires da reconciliação na terra africana do Burundi: a missionária leiga Katina Gubert, os Padres Xaverianos Ottorino Maule e Aldo Marchiol. Os três foram assassinados em 30 de setembro de 1995¹¹. Os mártires invertem com seu próprio sangue a antiga prática de guerras fratricidas registrada no ditado atribuído a Hobbes "Homo homini lupus" (O homem é lobo para outro homem) e nos gritam, assim como Jesus de Nazaré do alto da cruz: "Homo homini frater" (O homem é irmão para outro homem). O martírio se transforma assim numa fonte de grande renovação espiri-

tual da política: para uma política mais fraterna.

7. Valorizar os leigos militantes. "Compete aos leigos assumir, como tarefa própria, a instauração da ordem temporal, e nela agir de modo direto e concreto guiados pela luz do Evangelho"¹². Por isso é importante valorizar e apoiar de verdade os leigos engajados na política, respeitando sua liberdade e se preocupando em proporcionar-lhes acompanhamento formativo e espiritual adequado. Muitos cristãos que se elegem para funções no poder executivo ou legislativo e outros que assumem cargos públicos ou sindicatos se queixam de que não são mais aceitos pela comunidade de origem ou não conseguem mais se entrosar com ela, diante dos apelos mais globais a que são chamados a atender. Para estes cristãos, seria importante oferecer um espaço especial para reflexão e celebração"¹³.

Pe. Mário Menin SX é Mestre em Teologia Dogmática na PUG de Roma, Prof. de Teologia Sistemática no ITESP/SP, e coordenador da área Pastoral do Heliópolis. End.: Cx. P. 42689 04299-970 São Paulo/SP

10. Cf. B. FERRARO, *Cristologia em tempos de ídolos e sacrifícios*, Paulus 1993, p.50-51.

11. Gostaria de registrar aqui as frases que os três escreveram em ocasiões diferentes e que viraram quase o testamento espiritual deles: "Decidimos ficar com vocês"(Pe. Ottorino Maule em resposta a uma criança burundês); "Calar-se, é um suicídio" (Pe. Aldo Marchiol numa carta ao Superior Geral); "Se eu morrer, me deixem lá em baixo" (Katina Gubert numa carta ao irmão)".

12. *Por uma Nova Ordem Constitucional*, Doc. 36 da CNBB, n. 5, Paulinas 1986.

13. CF/96, *Texto-base*, n. 212, p. 76.

SOBRE O TERMO PERICÓRESE

Maria Freire da Silva

PRINCÍPIO E EVOLUÇÃO

Na longa busca para se chegar ao termo "Pericórese", como aquele que melhor define a comunhão e a interpenetração de vida na comunidade trinitária, houve muitas variações e más interpretações, até mesmo alheias à Teologia. Vejamos como foi essa luta de palavras: no século III, os gregos usavam a palavra "prósopon" para significar o que em Deus é três: Pai e Filho e Espírito Santo, diferentes, concretos e objetivos. O Deus dos cristãos são três "prósopa". Tertuliano traduz "prósopon" para o termo latino "persona". Com isso quer dizer que, em Deus, há três realidades concretas, distintas, objetivas: Pai, Filho e Espírito Santo; três individualidades objetivas!

No final do século III, os gregos tiveram que abandonar o termo "prósopon" porque este passou a ser usado pelos modalistas, ou seja, por aqueles que afirmavam que Deus, um e único, se manifestou mediante três pseudônimos, caras ou máscaras: enquanto Filho e enquanto Espírito Santo.

Para evitar que essa forma desse margem a ambigüidades e à heresia, destruindo, assim, a compreensão trinitária, os gregos substituíram "prósopon" por "hipóstasis", pois este termo, além de expressar a unidade em Deus, podia significar também uma realidade objetiva e "subsistente" em oposição a uma realidade inconsistente.

Orígenes é quem emprega, pela primeira vez, a palavra "hipóstasis" para expressar as três Pessoas da Trindade². No século IV, com os Padres capadócijs, se desenvolve melhor a reflexão sobre as relações entre as três Pessoas divinas. Conforme J. L. Prestige, esse padre "se viram obrigados a fazer uma autodefesa da acusação do Triteísmo que pesava sobre eles"³. Trata-se de três grandes teólogos da Capadócia (Ásia Menor): São Basílio Magno (330-379), seu irmão de sangue, Gregório de Nissa (+349) e o amigo deles, Gregório Nazianzeno (329-390)⁴.

O contexto teológico no qual estavam inseridos era formado de idéias confusas no que se referia à Trindade. De um lado, o sabelia-

1 Cf Leonardo BOFF, *A trindade e a sociedade*, p. 82

2 Ibidem, p. 84

3 G. L. PRESTIGE, *Dios en el Pensamiento de los padres*, p. 281

4 Leonardo BOFF, *A trindade e a sociedade*, op cit, p. 75

nismo que, amparando-se em suas concepções filosóficas, reduzia o mistério da Trindade à única pessoa do Pai. Desfigurava, assim, totalmente a revelação divina da Trindade. De outro lado, os eumonianos davam asas à imaginação e propunham a existência de três substâncias distintas e independentes: três deuses. Defendiam o politeísmo frente à imagem do mistério do amor trinitário de Deus⁵.

Os Capadócijs partem da reflexão sobre as três pessoas divinas, como primeira realidade. Para eles, as Pessoas significam a existência singular, concreta e individual. Assim sendo, o que lhes permite superar o triteísmo é a consideração da peculiaridade de cada Pessoa, peculiaridade esta sempre definida em relação às outras pessoas, a começar pelo Pai, fonte e origem de toda divindade⁶.

São Basílio Magno(330-379) “se deu conta de que não poucas flutuações doutrinárias tinham sua origem em uma inexata formulação devida à pobreza da linguagem para expressar o dito mistério. Confundia-se a palavra “ousia” com a palavra “hipóstasis. Desta maneira, a confusão dava lugar a

uma compreensão do mistério da Trindade, obscurecendo a fé no mesmo⁷.

No intuito de buscar uma formulação que expressasse com maior exatidão o que Deus quis revelar a todos os homens, sobre o mistério trinitário, Basílio classificou a expressão da fé, sobre o mistério trinitário, codificando a expressão seguinte: “Mia Ousia” e “três hipóstasis” (Μία ουσία Τρεῖς ὑποστάσεις).

Há em Deus, segundo ele, uma só essência e três pessoas. Queria confirmar, assim, a unidade de Deus, na palavra “Ousia” e sua tripersonalidade na palavra “hipóstasis”. A essência divina que pertence ao mesmo ser de Deus é compartilhada pelo Pai e pelo Filho e pelo Espírito Santo. A “hipóstasis”, segundo sua concepção, se refere à maneira peculiar de ser de cada uma das divinas pessoas.

Ao determinar o específico da personalidade do Espírito Santo na Trindade, Basílio traçava as primeiras linhas seguras sobre a relação pessoal do mesmo Espírito com respeito ao homem. Ficava formulado, pois, o dito mistério na unidade divina e na triplice relação interpessoal de Deus. Não era possível falar de auto-comunica-

ção pessoal do Espírito Santo sem assentar, antes, a intimidade pessoal do mesmo Espírito na comunidade divina⁸.

No Sínodo de Alexandria, em 362, presidido por Santo Atanásio, se consagrou como legítima a fórmula “três hipóstasis”. Em 382, os bispos que estiveram presentes no Concílio de Constantinopla I(381), enviaram uma profissão de fé ao Papa Dâmaso, explicitando esta equivalência nos seguintes termos: “cremos na única divindade e potência e substância(Ousia) do Pai e do Filho e do Espírito Santo, a dignidade igual e o império coeterno em três perfeitas “hipóstasis”(hipóstaseis), isto é, em três perfeitas pessoas(prosopa)”⁹.

No século VI, quando o pensamento teológico se encontrava em sua fase abstrata e quando, na visão que se tinha da Trindade, três “hipóstasis” eram os únicos elementos fortemente ancorados a objetos concretos, surgiu uma verdadeira e própria explosão do triteísmo, com João Filópono, o mais hábil líder dos triteístas. Filópono propôs uma doutrina baseada nos ensinamentos de Cirilo. Sua doutrina representava a intenção de chegar ao concreto. Afirmava que

a “phisis” é uma abstração e, como tal, não tem existência real. Só existe enquanto incorporada numa “phisis” particular; isto é, em uma realidade concreta.

Diante disso e das inúmeras dificuldades e teorias, houve, por parte do Pseudo Cirilo, um desejo de devolver à Teologia a verdadeira e concreta doutrina da idêntica “ousia” e adotar um termo que expressasse a recíproca compenetração das três pessoas de uma na outra. Este termo era “Pericórese” ou em latim, “circumincessio”¹⁰. A doutrina da “circumincessio” recíproca das três Pessoas era muito antiga. Na realidade está na doutrina da identidade da “Ousia” divina, expressa em cada uma das pessoas¹¹.

Cirilo insistirá especialmente na unidade das divinas pessoas, fazendo muitos esforços em prol de uma explicação, buscando exemplos fundados principalmente sobre o eixo da identidade da “ousia”, isto é, procedendo da unidade à pluralidade e não ao contrário. Afirmava que o Filho pode ser uma única “ousia” com o Pai e, para dizê-lo de outra maneira, morar na identidade de natureza com aquele que o engendrou. Dis-

5 G.L.PRESTIGE, *Dios en el pensamiento de los padres*, op cit, p. 281

6 Leonardo, BOFF, *A trindade e a sociedade*, op cit, p. 75

7 S. VERGES, *Imagem del Espirito de Jesus*, pp. 127-128.

8 *Ibidem*, p. 129.

9 Leonardo, BOFF, *A trindade e a sociedade*, op cit., pp. 84-85

10 G.L. PRESTIGE, *Dios en el pensamiento de los padres*, p. 281

11 *Ibidem*, p. 285

se também que, assim como o Filho pertence à "ousia" paterna, assim também contém o Pai todo inteiro em si mesmo...Conforme afirma Cirilo, esta relação é consequência da identidade da "ousia". A Tríade Santa, diz ele, se entrelaça, (αναπλεσθαι διεαντηζ) formando uma única divindade por meio da identidade da Ousia".

A princípio, o Pseudo Cirilo usou o termo "Pericórese" como termo cristológico. Assinala, em uma passagem, que a divindade é o elemento que confere o Cristo como (o unguido) e que a humanidade é o elemento que recebe a unção. Pela unção se quer significar, continuamente, a "pericórese" da totalidade do crisma na totalidade do unguido: uma unção puramente superficial como a conferida a Ele pelo crisma, o fez um verdadeiro Cristo. Pressupõe-se que, em seu caso, o crisma da divindade penetrou sua humanidade. A "pericórese" chegou a ser, aos olhos desse escritor, um processo de unificação das duas naturezas do Senhor¹².

Posteriormente, o autor enumera alguns dos resultados da união e "pericórese" das duas naturezas, e inclui entre ambas a deificação da carne e tornar homem e

criatura o Deus Vivo, porém não no sentido de que as naturezas se transformam em sua única natureza composta, senão enquanto as duas naturezas estão unidas hipostaticamente e recebem, uma e a outra, uma "pericórese" inalterável e inconfusa¹³.

Ao que parece, o Pseudo Cirilo concebia uma penetração ou um recíproco estar das duas naturezas em uma e na outra, semelhante ao que Gregório de Nissa concebia a propósito das pessoas da Trindade, à semelhança das diferentes ciências que ocupam uma mesma consciência. As duas naturezas não estão confundidas senão que, cada uma ocupa a totalidade da mesma "hipóstasis", assim também, empregando uma metáfora física, devem ser consideradas como interpenetrando-se mutuamente na realidade, visto que o processo de penetração é unilateral. E especialmente, como no caso de Cristo, nenhum dos dois elementos que estão num e no outro, são concebidos como realmente concretos, a metáfora resulta um pouco forçada e não profundamente iluminava para o problema cristológico. Querer afirmar que duas abstrações se interpenetram é pouco mais que jogo de palavras¹⁴.

A definição desejada era a da fórmula da "pericórese" ou "circumincessio" das três pessoas habitantes numa e na outra única substância. O Pseudo Cirilo enuncia audazmente a "ousia". Continua, depois, explicando a compatibilidade de sua doutrina com a existência das três "hipóstasis". Elas estão unidas, porém não se confundem. Adere-se (εχασθαι) uma à outra, e pode estar uma na outra sem fundir-se e sem mesclar-se. Cita o texto: "Eu estou no Pai e o Pai está em mim" (cf. Jo. 14, 10) como prova de que hipostasis moram uma na outra e que o Filho reside (ιδρυδιζ) no Pai, como palavra, sabedoria, poder, esplendor¹⁵. É importante notar o modo sutil e discreto que há na troca de sentido do termo "Pericórese" de uma "para a outra", pelo termo na outra" (isto é, dentro da outra, uma está relacionada com a outra). Deixa de ser uma forma tradicional empregada na cristologia para se referir às três pessoas divinas¹⁶. Conforme L. Ott¹⁷, São Gregório de Naziano foi o primeiro a aplicar o termo "pericórese" (περιχωρη) na relação entre as duas naturezas de Cristo (Perichoresis cristológica). Porém, o autor parece ignorar o desenvolvimento do termo já feito por Pseudo Cirilo.

São João Damasceno tomou o termo de Cirilo e o usou frequentemente. Foi ele o maior divulgador da doutrina da "pericórese". Empregou a palavra como termo técnico designando tanto a compenetração das duas naturezas em Cristo como a compenetração entre si da Três Pessoas Divinas. Ao ser traduzida a obra de São João Damasceno por Burgúndio de Pisa, a expressão passou à Teologia Ocidental, à versão latina de "circumincessio". Desta, se passou, mais tarde, à palavra "Circumincessio". A primeira respeita claramente a idéia da compenetração ativa, a segunda, ao de estar ou existir passivo. A primeira responde mais ao ponto de vista teológico grego, a segunda ao ponto de vista da teologia latina. Na concepção trinitária grega, a "pericórese" tem um papel mais amplo que entre os latinos. Na concepção grega o ponto de partida é o Pai; a vida divina flui do Pai como origem, princípio para o Filho, e por meio do Filho ao Espírito Santo. Acentuando a compenetração mútua das três pessoas divinas, salva a unicidade da substância divina. Já a concepção latina parte da unidade da substância divina e explica como este, pelas processões divinas imanes,

12 Ibidem, p. 291

13 Ibidem, p. 292

14 Ibidem, p. 293

15 Ibidem, p. 294

16 Ibidem, pp. 295-297

17 Pericórese cristológica, significa a relação entre as duas naturezas de Cristo. Ludwig OTT, in *Manual de teologia dogmática*, pp. 130-131.

se manifestam em Trindade de Pessoas.

Aparece então, em primeiro termo, a idéia de consubstancialidade. Em resumo, podemos dizer que por "pericórese" trinitária (περιχωρησις, ενυπαρξις) "circumincessio", e mais tarde "circuminsessio", "entendemos a mútua compenetração e inabituação das três pessoas Divinas entre si"¹⁸.

*Fundamento Bíblico e Desenvolvimento Conceitual*¹⁹

É significativo que os mesmos textos escriturísticos e em particular os que procedem da teologia de João Evangelista, que já formam elemento determinante para a doutrina das relações em Deus, sirvam, também agora, de sustentáculo a este novo conceito de "pericórese", sobretudo as palavras seguintes que o Evangelista João põe na boca de Jesus: "Eu e o Pai somos um" (cf. Jo. 10,30) e a insistência de Jesus ao dizer O Pai Está em Mim e Eu no Pai (cf. Jo. 10, 38, 14, 9. 11. 17,21) palavras que são o fundamento da frase de Jesus: "Filipe, quem me vê, vê o

Pai" (cf. Jo. 14, 9). Já Santo Irineu meditava(+202) a insistência de Jesus com estas palavras: "Assim, pois, pelo Filho, que está no Pai e em quem o Pai está, que está aí (cf. Is. 43,10), Deus se manifesta. Portanto, o Pai testemunha em favor do Filho e o Filho anuncia o Pai"²⁰.

Atanásio havia utilizado essas palavras de Jesus, sobretudo na cristologia e contra a identificação pessoal de Pai e Filho que fazia o sofista Astério, e ensinara que Cristo era a luz e esplendor.

De modo semelhante, escreveu Gregório Nazianzeno (+390), que equivale à impiedade de Sabélio tanto unir, misturar (δυναφαι) as pessoas como desgarrá-las ou desgarrar a natureza em Deus.

Buscando esclarecer este mistério de interpenetração das três pessoas na Trindade, refere-se já ao parâmetro com o homem, quando escreve: "mantemos uma e a mesma natureza da divindade, que se reconhece claramente desde a origem, desde a geração e desde o processo (αναρχον, γεννησις, προ-δοξ) como o que se dá em nós, saber, inteligência, palavra e

espírito, três expressões acerca do homem, tomadas talvez da cristologia (cf. 1Cor. 2, 16, Jo. 1, 14. Lc. 23, 46) suas declarações mais importantes sobre o tema "pericórese" serão retomadas por São João Damasceno (+754). A mútua imanência e união das três pessoas (ηεν αλληλαις, των υποτασεων μονη τε και ιδρνοις) significa que são inseparáveis e não se distanciam, e que possui uma interpenetração inconfusa (ασυγχυτον εχονσιν Τηνεν αλληλαις περιωρησιν) não de modo que convergem e se misturam (συναλειφεισθαι-συνχεισθαι) e sim estando unidas entre si. (εχεσθαι αλληλον) Assim dizemos que o Filho está no Pai e no Espírito e que o Espírito está no Pai e no Filho e o Pai está no Filho e no Espírito, sem nenhuma mistura ou confusão (μηδεμιας γινομεγνς συναλοιφης η συμφυρσεως η συνχυσεως). Um e idêntico é o movimento de ambas as pessoas. Pois o impulso das três pessoas é o mesmo, o que não se pode observar na natureza criada. É importante perceber que São João Damasceno, segundo parece, foi o primeiro a introduzir o termo também na cristologia, e que enriqueceu o conteúdo da palavra na doutrina sobre a Trindade com a declaração cristológica de Calce-

dônia: inconfusa, imutável, indivisível, inseparável.

A Doutrina da Pericórese na Igreja Ocidental

O primeiro que trata esta doutrina, depois de Santo Irineu, é Santo Hilário de Poitiers (+367), dedicando ao tema todo o livro II dos doze que compõem sua Obra De Trinitate. Aí se deixa perceber também o transfundo teológico da doutrina: uma e outra vez fala Santo Hilário do caráter misterioso das passagens joaninas anteriormente citadas (cf. 1Cor. 1, 1725) A meditação paulina sobre a sabedoria divina e sobre a necessidade humana lhe serve de guia e mestre. Resume o pensamento que aqui nos ocupa com as palavras seguintes: o que está no Pai está também no Filho. O Pai está no Filho, pois dele traz sua origem o Filho; o Filho está no Pai, porque, como Filho, não procede de nenhum outro; o unigênito está no ingênito, porque pelo ingênito, existe o engendrado. E assim se relacionam entre si, pois como tudo está completo no Pai ingênito, assim também tudo está completo no Filho unigênito... O Filho é Deus gerado de Deus.

Santo Agostinho, que neste ponto se remete especialmente a Santo Hilário, compreendia esta

18 Pericórese trinitária = circumincessio, e mais tarde = circuminsessio, o que entendemos como a mútua compenetração e inabituação das três pessoas divinas entre si. (cf. Ibidem, p. 130)

19 Johann AUER, *Dios, uno y trino*, pp. 325-329

20 Ibidem, p. 329

doutrina em sua obra sobre a Trindade de forma seguinte: na Santíssima Trindade uma pessoa é tanto como as três juntas, e dois não são mais que uma. Todas são infinitas em seu ser. Assim, cada pessoa da Trindade é entrelaçada pelas outras, isto é, as três pessoas se entrelaçam.

DESENVOLVIMENTO DA DOUTRINA DA PERICÓRESE NA IDADE MÉDIA

Tendo Burgúndio de Pisa, no Século XII, traduzido o conceito de "Pericórese" como o termo circumincesso-penetração recíproca, a expressão foi utilizada pouco a pouco também na doutrina trinitária da Idade Média. No âmbito francês, a mesma palavra "circumincesso" (circuminsertion) foi traduzida por "circuminsessio" (inhabitação recíproca). Não deixa de ser significativo que os teólogos franciscanos da época seguinte empregassem mais a forma dinâmica da circumincesso = (Caminhar ao redor). Porém, Enrique de Gant (+1284) e depois o dominicano Dourando de Porciano (+1334) preferiram a fórmula francesa mais estática de "circumincesso" (Sentar-se ao redor). Já São Boaventura havia ensinado: "As autoridades e os argumentos da razão demonstravam que nas pessoas divinas há uma suprema e completa "circuminsessio" (in

divinis est sumna et perfecta circumincesso)" Explicava ainda a expressão com estas palavras: um está no outro e a inversa. "(unus est in alio et converso)" agrupando o modo de declaração. Porém, em sentido próprio e perfeito, isto se dá só em Deus já que tal penetração recíproca no ser supõe, às vezes, distinção (summa unitas cum distinctione) ou separação. São Boaventura cita Santo Hilário, sublinhando que essa distinção sem mistura e essa unidade sem distinção ou separação) não levam ao caso as oito possibilidades de estar - in conhecida por Aristóteles. De maneira semelhante escreve João Duns Scoto, mais tarde. Santo Tomás de Aquino não empregou o termo "circumincesso" pois, Santo Tomás de Aquino põe em primeiro plano o motivo da consubstancialidade, pelo qual cada pessoa se identifica com a essência comum divina. Segue o motivo da origem ou processão, o qual prova a "Pericórese" enquanto a pessoa procedente permanece na pessoa da qual procede e a pessoa gerada permanece na pessoa gerante. Assim uma pessoa está logicamente na outra. São Tomás tratou a dimensão da Trindade partindo daquilo que na Trindade é uno, isto é, da essência una, garantindo, desta forma, o caráter divino e consubstancial das pessoas trinitárias. Em seguida, estuda as processões, seguindo um

caminho aberto por Santo Agostinho, tomando a analogia do Espírito que, sendo o que é, conhece (Verbo-Filho) e ama (o Dom, o Espírito). Após estabelecer as distinções das pessoas a partir das processões (formas distintas de uma provir da outra), analisa as relações reais entre elas. Ele define exatamente as pessoas divinas como relações subsistentes. A "Pericórese" faz com que aquilo que diferencia as três pessoas seja também o que as une eternamente. O círculo de vida divina culmina na comunicação e na unidade das três pessoas distintas no amor eterno. Em virtude da "pericórese", as pessoas divinas não haverão de conceber-se como três indivíduos distintos relacionando-se entre si, o que seria triteísmo. Porém, tampouco são três modos de ser ou três reproduções do Deus uno, como sugeriu o modalismo. A doutrina da "pericórese" eterna combina a Trindade com a unidade, sem dissolver a unidade na Trindade. A "pericórese" eterna das pessoas divinas, radica a união da Trindade. As pessoas divinas, em sentido pericorético, formam por si mesmas sua unidade no círculo da vida divina.

A unidade das três pessoas consiste no movimento circular da vida divina que realizam em suas relações mútuas. Por isso, a uni-

dade do Deus trino não pode expressar-se em um conceito geral da essência divina. Isto significaria a supressão das diferenças pessoais. As pessoas divinas não se distinguem pelo ser no qual subsistem nem por nada de absoluto; mas somente enquanto sujeitos de relações. Deste modo, para distingui-las, basta a relação²¹.

Se a diferença entre as três pessoas divinas está em seu processo relacional, pericorético, então as pessoas não podem reduzir-se a três modos de ser de um mesmo e idêntico sujeito divino. As pessoas mesmas constituem tanto suas diferenças como sua unidade.

Em sentido pericorético, a vida divina não pode realizar-se monadicamente por um único sujeito, mas somente mediante a comunhão vital das três pessoas que se referem mutuamente. Existindo umas nas outras, sua unidade não reside na soberania do Deus uno, mas na união de sua tri-unidade.

Enfim, o conceito de "pericórese" elimina todo e qualquer subordinacionismo na doutrina trinitária. É certo que a Trindade se constitui a partir do Pai entendido como a fonte da divindade. Porém, esta monarquia do Pai é válida só para a constituição da Trindade, não para expressar o círculo eterno da vida e nem a união pericorética da Trin-

21 Ibidem, p. 329

dade em que as três pessoas são iguais: vivem e se manifestam umas nas outras e mediante as outras.

Analogamente, na circulação da vida divina através das três pessoas, se dá o processo da sua manifestação recíproca na glória que lhes é própria. As três pessoas vivem uma nas outras, isto é, estão inter-relacionadas e expressam uma às outras a glória divina.

O Pai é desde a eternidade, Pai da glória divina (cf. Ef. 1,17). A palavra eterna (o Filho) é o reflexo de sua glória (cf. Hb., 1,3) e o Espírito Santo é o Espírito da glória (cf. 1Pd. 4,14). As pessoas divinas se iluminam mutuamente mediante a glória. Dão-se mutuamente a figura e beleza perfeitas. O Espírito Santo ilumina o Filho no Pai e clarifica o Pai no Filho. Ele é a luz eterna, na qual o Pai conhece o Filho e o Filho conhece o Pai. No Espírito Santo se faz consciente a vida eterna de Deus e se reflete sua figura perfeita.

Conforme a cada uma das três, o Filho está no Pai, e a inversa. Igualmente São Boaventura e também o Aquinate se referem à não utilidade das oito possibilidades do estar -in, de Aristótelis. De forma ampla e com numerosas referências históricas, tratará mais tarde Petavius (+1652) o problema da "pericórese" na Trindade. Em li-

nhas gerais, podemos dizer, que a teologia grega deduz melhor a "pericórese" como unidade vital e essencial unidade das três pessoas, enquanto que a Teologia latina prefere entender a unidade essencial a partir da unidade vital que há na "pericórese"²².

A ESCOLÁSTICA

Os teólogos escolásticos investigam as razões especulativas da "Pericórese" ou mútua imanência em que destacam:

- a) a Consustancialidade
- b) a Origem
- c) as Relações

Indubitavelmente a razão mais profunda está na consustancialidade, visto que as outras duas, em seu verdadeiro conceito, comportam antes separação que unidade. Suposta a primeira razão, também as outras duas adquirem valor, fundando-se sobre ela²³.

Do ponto de vista espiritual, a "pericórese" ou intimidade das pessoas divinas pela qual subsistem no mesmo ser, vivem a mesma vida do conhecimento e do amor, gozam da mesma felicidade. Jesus Cristo a propôs como princípio e modelo sublime daquela perfeita união ou comunhão que deve existir entre os cristãos, quando rogava a fim de "que todos

sejam um, como tu, Pai, estás em mim e Eu em ti, que eles estejam em nós..." (cf. Jo. 17,21)²³.

A "cicumincessio" pode nos apontar um dado significativo ao delicado problema da consciência em Deus. São João Damasceno inicia falando de Deus, onde aparecem os nomes do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Trata em primeiro lugar a Deus como ser Absoluto. Este nome encerra uma ambivalência, já que, através da nossa fé, sabemos que Deus é Pai e Filho e Espírito Santo.

O Deus uno é também o Pai, e São João passa, de repente, a monarquia ao Pai: Pai do seu Filho Unigênito por natureza (não por livre decisão) e do qual procede o Espírito Santo. O Espírito Santo não é outro Filho, não procede por geração e sim por processão (Ekproreutos). E outro modo vem ser o modo de substância, de trópos tes hyparxéos. Um e outro nos resultam incompreensíveis e inexplicáveis. João se arrisca a propor comparação bastante usual de Eva, saindo da costela de Adão, = e de Set, nascida por geração. Tudo é comum à três pessoas = Hipóstasis exceto suas propriedades hipostáticas de ser αγνετος, γεννεατος, εκπορευομενον. Estas palavras se tornaram clássicas na Triadologia oriental. Seria um equívoco opô-la às elaborações do Ocidente Latino, apesar

de que este levava longe as previsões conceituais e os encaminhamentos lógicos. Fizera um termo de relação e origem. São João Damasceno (προσ αλληλα σικησχος) assim escreve: "a fé nos ensina que existe uma diferença entre a geração e a processão". Porém, muitos latinos dizem o mesmo. Contudo, São João Damasceno contempla os modos de subsistência do engendrado e do procedente só em referência ao não engendrado, o Pai e sua monarquia.

Aqui está apresentada a questão da relação do Espírito com o Filho. Reproduzindo o texto de Pseudo Cirilo, São João Damasceno escreve: "Não dizemos que o Filho é causa, tampouco dizemos que seja Pai; não afirmamos que o Espírito vem do Filho (εκ του Ηγίου); sim, dizemos que o Espírito do Filho é Espírito do Pai; porém, é também o Espírito do Filho, não porque saia dele, (ουτ οσ εξ αυται) e sim, porque vem por ele, do pai, porque só o Pai é causa (μονοσ αιτιοσ ηο Πατερ). O Espírito está unido ao Pai pelo Filho²⁴.

PERICÓRESE NA TEOLOGIA CONTEMPORÂNEA

Pericórese e Transfiguração

Conforme Jurgen Moltmann²⁵, entendemos que na noção de pes-

22 Bernardo BARTMANN, *Teologia dogmática*, tomo I, pp. 338-339.

23 Yves CONGAR, *El Spiritu Santo*, p. 482.

24 Ibidem, p. 514.

25 Jurgen MOLTSMANN, *Trinidad y Reino de Dios, la doutrina sobre Dios*, pp. 190-194

soa trinitaria em termos relacionais e históricos, as pessoas não subsistem somente na essência divina comum, mas, existem em suas relações mútuas, vivem uma na outra e mediante as outras. Em Deus trino existe um processo vital eterno mediante o intercâmbio das energias. O Pai existe no Filho, e o Filho no Pai e ambos no Espírito Santo, como o Espírito existe em ambos. Vivem e habitam uns nos outros em virtude do amor eterno. Sendo os três um e outro, é um processo de plena e perfeita empatia. Pelo fato das propriedades pessoais que os distinguem entre si, o Pai, e o Filho e o Espírito Santo vivem a interpenetração eterna.

No Espírito Santo, a vida divina tem consciência de sua beleza eterna. Pelo Espírito Santo a vida divina se torna a festa. Santa da Trindade. A Teologia Ortodoxa expõe a doutrina das manifestações trinitárias, donde a teologia ocidental fala de relações trinitárias. Porém, esta doutrina da manifestação da "pericórese" da vida divina na glória, vai muito além. Somente ela traduz doxologicamente a glorificação do Espírito, presente na experiência de salvação.

A Unidade na Trindade

Devemos entender, conforme Jurgen Moltmann, a unidade na Trindade trinitariamente e não mo-

nadicamente; do contrário, a unidade anularia a Trindade de pessoas.

A soberania e a autocomunicação do Deus uno, possui uma estrutura tridimensional. Devemos falar a partir das noções sobre a constituição da Trindade, da unidade do Deus trino em tríplice aspecto.

Respeitando a constituição da Trindade, o Pai é o princípio não principiado da divindade. Segundo a doutrina das duas processões, o Filho e o Espírito são "hipóstasis" divina do Pai. Assim o Pai forma, na constituição da divindade, a unidade monárquica da Trindade. Porém, no que diz respeito à vida interna da Trindade, as três pessoas formam sua unidade em virtude das relações mútuas e na "Pericórese" de seu amor. A unidade se concentra em torno do Filho eterno. A comunicação unificadora procede do Espírito Santo. Tal é a união pericorética da Trindade.

Em síntese, podemos afirmar que a unidade da Trindade é constituída pelo Pai. Concentra-se em torno do Filho e é iluminada pelo Espírito Santo. Através da história e da experiência de salvação, percebemos essa iluminação.

O sentido da criação, da reconciliação e da glorificação é revelar o círculo de luz e das relações divinas e aproximar o homem junto com toda criação, na torrente

vital do Deus Vivo Uno e Trino²⁶. Portanto, J. Moltmann, ao desenvolver uma doutrina social da Trindade, a "pericórese", dá uma grande contribuição no campo da teologia ética e política onde nos propõe que uma verdadeira teologia política contraria qualquer monoteísmo político. A comunhão trinitária tem como consequência uma comunidade na qual as pessoas são definidas por suas relações mútuas e suas significações recíprocas, e não pelo poder. Todos vivem assim o dinamismo comunitário da Trindade na História Salvífica, construindo o reino de liberdade na comunidade humana²⁷.

O Termo Pericórese em Bruno Forte

"A essência do Deus vivo é, portanto, o seu amor em eterno movimento de saída de si, como amor amante de acolhida de si como amor amado, de retorno a si e de infinita abertura ao outro na liberdade, como Espírito do amor trinitário. A essência do Deus cristão é o amor no seu processo eterno, é a história trinitária do amor, é a Trindade como história eterna do amor que suscita, assume e permeia a história eterna do mundo, objeto do seu puro amor"²⁸.

O evento pascal revela a essência divina como evento eterno do

amor entre as três pessoas da Santíssima Trindade e de seu amor por nós. Somente este amor sucessivo constitui a essência da divindade, de modo que só nas três relações divinas, o Pai que ama de per si, o Filho que é amado e ama desde sempre, se realiza o evento sempre novo do amor que entrelaça o Pai e o Filho e o Espírito Santo. Torna-se agora possível pensar a identidade entre essência e a existência divina. O conceito do Deus trinitário, que é amar, inclui, portanto, a eterna novidade segundo a qual o Deus eterno é futuro de si mesmo. Deus e o amor nunca envelhecem.

O seu ser é e permanece no devir. A unidade de Deus é pois a unidade do Ser amor, do seu amor essencial que existe eternamente como amor amante, amor amado e amor pessoal ou, se quiser, como proveniência e porvir eternos do amor: origem, acolhida e dádiva desse amor; paternidade, filiação e abertura na liberdade, Pai e Filho e Espírito Santo. Esta concepção da essência divina como história eterna do amor, liga-se à idéia da "Pericórese" trinitária, partindo de textos como: (cf. Jo, 10, 38) "...que o Pai está em Mim e Eu no Pai". (cf. Jo. 14,9ss. 17, 21. etc.) A expressão veicula a mútua compenetração (donde o termo latino

26 Ibidem, p. 215.

28 Bruno FORTE, *A trindade como história*, pp. 141-142.

26 Ibidem, p. 194.

“circumincessio”) das pessoas divinas, o movimento inexaurível da vida trinitária, seu desdobrar-se e recolher-se no amor.

Um e idêntico é o movimento, porque único é o impulso e dinamismo das três pessoas, o que não se pode notar na natureza criada. Em Deus, a originalidade das pessoas não só não se faz mútua concorrência, mas se confirma reciprocamente. A essência divina como amor não exclui, mas inclui as diferenciações pessoais. Isto vale tanto na imanência da vida divina = pericórese trinitária, como no mistério desta vida participada aos homens = relação Deus-Homem e comunhão eclesial. O verdadeiro amor nunca anula as diferenças, assumindo-as, embora na unidade mais profunda que eles...²⁹. Podemos afirmar que o teólogo Bruno Forte traz uma brilhante contribuição para o resgate da “pericórese” trinitária na História.

O Termo Pericórese Conforme Y. Congar³⁰

Congar fala a partir do IV Evangelho, o qual se refere com frequência à inexistência do Pai no Filho e do Filho no Pai. Uma verdade tão significativa não haveria de passar despercebida à consci-

ência cristã. A idéia se encontra nos Padres mais antigos. Como já vimos no início desta parte, o termo “pericórese” “circumincessio,” para Congar e também São Máximo, o Confessor, empregou o termo “pericórese” pela primeira vez para expressar a unidade da ação e do efeito resultantes da união das naturezas de Cristo. Na dimensão trinitária, como já falamos, a iniciativa coube ao Pseudo Cirilo. São João Damasceno seguiu o caminho já aberto³¹.

“Pericórese” significa inexistência das pessoas divinas, manifestando-se uma na outra e uma à outra. Esta inexistência está fundamentada na unidade e identidade de substância. Esta é a fundamentação inclusa nos Padres gregos. Porém, se não passasse disso, haveria apenas identidade de Deus consigo mesmo. Mas isto repercute nas diferenças mesmas que existem no ser de Deus, nas pessoas que hipostatizam a mesma substância. São João Damasceno expressa que o Espírito não é Filho do Filho. O Espírito repousa no Verbo e o acompanha. Participa, de forma indissolúvel, de sua atividade e a torna manifesta. No plano da “pericórese,” o Espírito sai do Pai pelo Filho e se difunde

Nele. Na atividade divina, o Filho põe os fundamentos da obra do Reino querido pelo Pai e o Espírito conduz o Projeto divino à perfeição.

Para São João Damasceno, Teologia e Economia não se separam, entrelaçam-se e se integram numa única visão. Não há polêmica trinitária a não ser contra o arianismo e o maniqueísmo (e talvez contra o Islã). Em qualquer caso, não contra o Filho que nem contraria a teologia de Cirilo de Alexandria ou de Teodoreto. São João Damasceno não é filioquista nem manopatrista. Não é filioquista porque, para ele, a categoria de causa não se aplica nem pode aplicar-se à relação eterna do Espírito com o Filho. Não é monopatrista porque nele a processão supõe essencialmente a geração do verbo e se refere por completo a ela.

Existe uma vida trinitária que não consiste unicamente nas processões ou relações de origem. Os Padres e os ortodoxos nos repetem que o Espírito é recebido no Filho. O que Ele toma do Filho fundamenta as relações de reciprocidade da “pericórese”³². Podemos dizer, em sentido hipostático, que o Espírito Santo é para o Filho porque é enviado pelo Pai enquan-

to Espírito. Sua vida, seu amor hipostático no Filho. É a revelação vivente do Pai no Filho enviado pelo Pai. O Espírito repousa no Filho como uma unção³³.

Pericórese em Leonardo Boff

O teólogo Leonardo Boff nos oferece o mais completo sentido da expressão “Pericórese” quando nos diz que esta possui dupla significação. Em primeiro lugar, segundo ele, “pericórese” significa conter um ao outro, inhabitar (morar no outro), estar no outro. Este primeiro significado foi traduzido pelo latim medieval por “circumincessio” - uma palavra derivada de “sedere”, “sessio” que significa sentar, ter sua sede. Aplicada ao mistério da Trindade em sua comunhão significa uma pessoa estar em relação com a outra, envolver a outra por todos os lados (cir-cum), ocupar o mesmo espaço que a outra, enchendo-a com sua presença. O segundo significado de “pericórese”, quer dizer interpenetração e entrelaçamento de uma pessoa na outra e com a outra. Esta compreensão quer expressar o processo de relacionamento vivo e eterno que as divinas pessoas possuem intrinsecamente fazendo com que cada um

29 Yves CONGAR, *El Spiritu Santo*, op. cit. p. 292.

30 Ibidem, P. 482.

31 Ibidem, p. 516.

32 Ibidem, p. 516.

33 Leonardo BOFF, *A trindade e a sociedade*, op. cit. p. 171

penetre sempre na outra. Este sentido foi traduzido em latim por "circumincessio" derivado de "incedere" que quer dizer permear, compenetrar e interpenetrar³⁴.

Diz-nos ainda que "do termo Pericórese se depreende o significado de "Koinonia" e comunhão, pois sempre se trata de um processo de reciprocidade ativa, de um caminho de duas mãos: as pessoas se interpenetram uma às outras e este processo de comunhão constitui a própria natureza das Pessoas³⁵.

As relações de comunhão entre as três pessoas divinas, uma relacionada totalmente à outra; o fato de o Pai e Filho e Espírito Santo serem consubstanciais, permitem contemplar a plena interpenetração das Pessoas entre si. Esta realidade é expressão através da palavra grega "pericórese" ou pelas palavras latinas "circumincessio" ou "circumincessio". Conforme a Filologia dos termos, isto significa coabitação, coexistência e a compenetração das pessoas divinas na co-igualdade perfeitas entre as pessoas, sem qualquer autoridade ou superioridade de uma sobre a outra. Tudo na Trindade é comunitário e é comunica-

do entre si, menos aquilo que não é possível comunicar: o que as distingue uma das outras³⁶.

A "pericórese" nos conduz ao entendimento de que as três pessoas trinitárias agem sempre conjuntamente no interior da criação. Se fosse o contrário, teríamos três criadores, ou seja, três deuses. Portanto, todas as ações "ad extra" (para fora da Trindade) no interior da criação, devem ser atribuídas às três pessoas divinas conjuntamente. Atribuímos ao Pai a criação, pelo fato de que Ele é, no interior da Trindade, o gerador e criador (juntamente com o Filho). Ao Filho atribuímos a revelação porque Ele é, no seio da Trindade, a expressão e revelação do Pai; a redenção é a Ele atribuída porque foi Ele quem se encarnou. Atribuímos ao Espírito Santo a santificação porque Ele é chamado, por excelência, o Santo³⁷.

Portanto, através da pericórese-comunhão, pretendemos expressar com maior clareza a unidade trinitária, conservando o que é específico da experiência cristã de Deus como Trindade: Pai e Filho e Espírito Santo³⁸.

34 Ibidem, p. 171.

35 Ibidem, p. 122.

36 Ibidem, p. 122.

37 Ibidem, p. 173.

38 Ibidem, p. 176.

O modelo pericorético-comunitário se apresenta como o mais adequado para dar razão à revelação trinitária, como nos foi comunicada e testemunhada pelas Escrituras. Os instrumentos teóricos de conhecimentos criados pela teologia e pela Igreja para significar o Deus cristão como Pessoa, relação, natureza divina e processo ganham o seu contexto adequado de compreensão no plano da "pericórese". Os três diferentes e irreduzíveis se encontram sempre e eternamente em comunhão. O Pai é em relação ao Filho. O Filho é sempre Filho do Pai. O Espírito Santo é espirado pelo Pai e pelo Filho. É a diversidade que permite a comunhão, a reciprocidade e a mútua revelação³⁹.

O fundamento da "pericórese", tradicionalmente, era visto na unidade de natureza divina apropriada por cada uma das pessoas ou na reciprocidade das relações de origem com referência ao Pai. Porém, além disso, aqui Leonardo Boff sustenta um outro fundamento: a "pericórese" das três pessoas divinas, originalmente, simultaneamente e co-eternas, em infinitas comunhão recíproca, de sorte

que elas, sem confusão, se unificam (isto é, ficam unidas) e são um único Deus⁴⁰.

Nosso esforço reside em partir trinitariamente, do Pai, e do Filho e do Espírito Santo em "pericórese" eterna. Deus é a Trindade de pessoas entrelaçadas pelo amor e pela comunhão. As três são igualmente originárias desde toda eternidade. Nenhuma antecede a outra. Uma pessoa é condição da revelação da outra, num dinamismo infinito, como espelhos que se espelham triplamente, sem fim. O risco do triteísmo é evitado pela comunhão e pela "pericórese", quer dizer, pelas relações sempre ternárias que originalmente vigoraram entre as pessoas⁴¹.

A unidade trinitária é, pois, pericorética e de comunhão. Aparece na revelação neotestamentária, num envolvimento do Pai, do Filho e do Espírito Santo e também se dá na história salvífica universal e em sua condensação no espaço eclesial.

O Espírito e o Ressuscitado atuam juntos no nível de toda criação, fermentam as transformações do mundo, fazem avançar o projeto do Pai que é a inauguração

39 Ibidem, p. 183

40 Significa dizer que entre as três pessoas divinas, existe a igualdade, a plena comunhão. O Pai e o Filho e o Espírito Santo co-existem, co-bitam, são co-eternos. (cf. nota supra)

41 Ibidem, p. 185.

progressiva do reinado até a sua culminação escatológica. O Pai emerge como termo Ômega da história mediante a expansão do senhorio do Filho, constituindo-se a partir da Ressurreição, em Senhor do universo (cf. Rm. 1,3) na força atualizadora e transformadora do Espírito Santo⁴².

São Paulo e São João nos aceitam para uma inclusão das pessoas e da história na unidade pericóretica da Trindade.

Em sua oração sacerdotal, Jesus diz: "Que todos sejam um como tu, Pai estás em mim e eu em ti, para que eles estejam em nós e o mundo creia que tu me enviaste". (cf. Jo. 17, 21) Esta unidade trinitária é integradora e inclusiva. Destina-se à plena glorificação de toda criação no Deus trino, restaurando todas as coisas, inaugurando uma nova ordem⁴³.

Em Deus tudo é comunicado, partilhado, participado, relacionado. A Trindade é um eterno dinamismo pericóretico.

CONCLUSÃO: AS CONTRIBUIÇÕES DO TERMO PERICÓRESE AO LONGO DA HISTÓRIA

No contexto histórico, percebemos o longo caminho teológico percorrido por grandes teólogos,

os quais incansavelmente buscaram compreender e esclarecer o Mistério da Santíssima Trindade. Porém, não podemos ignorar que os teólogos cristãos dos primeiros séculos expressaram sua fé na Trindade dentro das categorias dominantes tanto do Ocidente quanto do Oriente⁴⁴.

Inicialmente, podemos afirmar que o surgimento do termo "pericórese" na Teologia, primeiro na cristologia e depois na teologia da Trindade por Pseudo Cirilo, tem como objetivo combater as heresias triteístas, ou seja, evitar a divulgação de uma imagem desfigurada do Deus-Trindade.

O uso do termo na teologia trinitária elimina a tendência politeísta que permeava a época.

A contribuição da reflexão dos Padres Capadócijs é importante ao longo do tempo para se chegar a uma elaboração exata da Teologia Trinitária.

O termo "pericórese" veio devolver à Teologia, através do Pseudo Cirilo, a verdadeira e concreta doutrina da idêntica "ousía" e lhe proporcionar um termo que melhor expressasse a recíproca compenetração das três pessoas divinas, a interpenetração de uma pessoa na outra.

São João Damasceno foi o maior divulgador deste termo (pericórese). Com a tradução da obra de São João Damasceno por Burgúndio de Pisa, a expressão "pericórese" passou à Teologia Ocidental à versão latina de circumincessio o que ressalta a idéia de compenetração ativa. Mais tarde, com a passagem para circuminsessio - inexistir passivo, dá um sentido estático das Pessoas divinas.

Portanto, a contribuição do termo "pericórese" na Teologia trinitária foi muito importante para eliminar a interpretação que desfigurava o Deus-trino, e para evidenciar a vida entrelaçada das três divinas pessoas, que se expressam reciprocamente num dinamismo de amor eterno.

O termo contribuiu mostrando que aquilo que diferencia é também o que une eternamente. Nesse contexto, vemos que até para a Escolástica, o termo "pericórese" contribuiu imensamente para uma compreensão da Trindade como um Deus distinto (em suas relações) e uno (na sua essência).

A preocupação em encontrar um termo que melhor definisse a comunhão na comunidade trinitária estava relacionada, como já foi dito, com a defesa contra as heresias (Sabelianismo, Arianismo, Modalismo, Triteísmo, etc.)

Porém, com o decorrer da história, na Teologia Moderna e Contemporânea junto ao "fundamento da pericórese, tradicionalmente visto na unidade de natureza divina por cada uma das pessoas ou na reciprocidade das relações de origem com referência ao Pai"⁴⁵, é possível sustentar ainda outro fundamento, a "pericórese" das três divinas pessoas, originalmente simultâneas e co-eternas, em infinita comunhão recíproca, de sorte que elas, sem confusão, se unificam, quer dizer, ficam unidas e são um "Deus"⁴⁶.

A Teologia contemporânea, ao resgatar sempre mais o valor deste termo, conclui que através da história e da experiência de salvação, a "pericórese" trinitária é realidade "ad extra", que transcende a vida interna do próprio Deus - comunhão, permeando a comunidade humana, aproximando mulher e homem em conexão com toda criação, na torrente vital do Deus-trino.

A "pericórese" trinitária, como mistério desta vida participada aos homens = relação Deus = Homem e comunhão eclesial, tem contribuído na fundamentação de relações recíprocas entre mulher e homem, na luta por seus direitos. O teólogo Bruno Forte⁴⁷, ao tra-

42 Ibidem, p. 185.

43 Ibidem, p. 179.

44 Ibidem, p. 181.

45 Ibidem, p. 181.

46 Bruno FORTE, *A Trindade como história*.

47 Jurgén MOLTSMANN, *Trinidad y reino de Dios ; la doutrina sobre Dios* . op cit,

tar a Trindade Como História, traz presente um sentido novo para o termo "pericórese", como o Amor-Amante, (Pai) o Amor-Amado (Filho) e o Amor (Espírito Santo) presente na história humana de mulheres e homens, conduzindo-os à vivência trinitária.

Também o teólogo, J. Moltmann⁴⁸, ao tratar **Trindade y Reino de Dios**, mostra que o círculo de luz existente na Trindade passa a comunidade humana e toda criação, isto é, tendo consequência na vida prática.

O teólogo brasileiro, Leonardo Boff, tem dado grande contribuição no uso do termo "pericórese"⁴⁹. Para ele, a existência do Pai, do Filho e do Espírito Santo distintos, que vivem a perfeita comunhão numa "pericórese" de amor, nos leva a entender a sociedade humana como consequência do dinamismo pericorético trinitário. Por exemplo, a interpenetração de mulheres e homens na luta pela libertação dos oprimidos. Para Leonardo Boff, "Da pericórese comunhão das três pessoas divinas derivam impulsos de libertação

para cada pessoa humana, para a Sociedade, para a Igreja e para os pobres, num duplo sentido, crítico e construtivo".

Portanto, esta palavra grega e técnica que expressa a Vida em Deus e no homem, tem nos trazido importante contribuição através da práxis de libertação dos pobres e a superação dos mecanismos de opressão e conduz a uma vivência comunitária, baseada na co-responsabilidade, na diversidade cultural, formando unidade.

A busca incessante dos teólogos para sempre mais aprofundar o sentido do termo "pericórese" como o que melhor define a comunhão imanente e econômica da Trindade, nos possibilitará a maior integração do feminino e do masculino, ambos criados à imagem e semelhança da Trindade (cf. Gn. 1, 27).

Ir. Maria Freire da Silva é Mestra em Teologia Dogmática pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção.

CEBS: IGREJA INCULTURADA

Moacir Goulart de Figueredo

INTRODUÇÃO

A história não é linear, mas nas suas nuances, idas e voltas, trás em si fatos, situações, conflitos, que representam a expressão da vida em determinado momento e contexto. Na história da evangelização e da Igreja não é diferente. Ora o Espírito está a todo vapor, ora o poder procura abafá-lo.

A Igreja da América latina e do Caribe na sua história é caracterizada pela dor, sofrimento, alegria, utopias, compromissos e lutas na defesa da vida. É uma Igreja que se construiu sobre a cruz e a espada. Porém hoje, se pensa em 'nova evangelização' que tem como método a Inculturação do Evangelho.

Para ser 'nova' precisa respeitar as culturas. Respeitar as culturas requer a inculturação da fé. A Igreja tem organismos e instrumentos para a inculturação da fé? São as Cebs um instrumento para a Igreja inculturada? A conjuntura atual da Igreja possibilita a ação deste instrumento? Como está a continuidade das polêmicas culturais religiosas levantadas no oitavo Intereclesial de Santa Maria? Qual foi a resposta da Igreja? É um problema isolado criado pelas quarta Conferência Latino Americana e não diz respeito a continuidade da vida das Cebs no Brasil?

O que se quer com a nova temática: Cebs e massas? Em que aspectos continua e aprofunda a temática do encontro anterior? O que é a cultura de massa? Qual a sua contribuição para as Cebs? Que desafios novos ela apresenta para as Cebs? Neste trabalho, a partir destas interrogações gostaria de responder a questão: são as Cebs uma forma de Igreja inculturar-se?

As culturas e a Inculturação

A ordem de Jesus dada aos apóstolos, "Ide por todo o mundo pregai o evangelho ..." (Mt 28, 19); fez do apóstolo Paulo um discípulo que respeitou as culturas e evangelizou criando assim a diversidade na Igreja, mas mantendo a unidade através da fé. Lamentavelmente, este não foi seguido por muitos dos que se dizem evangelizadores. Pelo menos não era este o pensamento do século XVI, quando em nome da ordem de espalhar a fé usa-se o termo missão como significado de ocupação territorial, expansionismo, domínio e morte. O papa Pio XII tinha a plena convicção de que só através da Igreja Católica era possível salvar-se. A colonização do Terceiro mundo foi feita com esta ideologia por parte da Igreja que deveria evangelizar.

48 Leonardo BOFF, *A trindade e a sociedade*, op cit,
49 *Ibidem*, p. 284.